

Ano III, Nº 01 - 2007
ISSN 1981-9161

Revista Eletrônica de Teologia



A sua Universidade em Londrina

eReformatio – Revista de Teologia

Ano I – nº 1 – 2007

ISSN 1808-4362

**Órgão de Divulgação Científica do
Curso de Teologia da UniFil - Centro Universitário Filadélfia**

COORDENADOR DO COLEGIADO DO CURSO DE TEOLOGIA

José Martins Trigueiro Neto

EDITORES DA REVISTA

José Martins Trigueiro Neto

Joaquim José Moraes Neto

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Jeremias Klein

Silas Barbosa Dias

Joaquim José Moraes Neto

José Martins Trigueiro

RESPONSÁVEL TÉCNICO

TI - Tecnologia da Informação

**ENTIDADE MANTENEDORA:
INSTITUTO FILADÉLFIA DE LONDRINA**

Diretoria:

Agnello Correa de Castilho	Presidente
Wellington Werner	Diretor Secretário
Lélia Monteiro de Melo Bronzeti	Diretora Vice-Secretária
Alberto Luiz Cândido Wust	Diretor Tesoureiro
José Severino	Diretor Vice-Tesoureiro
Eleazar Ferreira	Reitor

Reitor

- Dr. Eleazar Ferreira

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

- Prof.^a Vera Lúcia Lemos Basto Echenique

Coordenadora de Controle Acadêmico

- Prof.^a Isabel Barbim

Coordenadora de Ação Acadêmica

- Prof.^a Vera Aparecida de Oliveira Colaço

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

- Prof. Nadir Antonio Sperandio

Coordenador de Projetos Especiais e Assessor do Reitor

- Prof. Reynaldo Camargo Neves

Coordenador de Publicações Científicas

- Prof. Tadeu Elisbão

Coordenadores de Cursos de Graduação

- **Administração** - Prof. Luís Marcelo Martins
- **Arquitetura e Urbanismo** - Prof. Gilson Jacob Bergoc
- **Ciências Biológicas** - Prof. João Antônio Cyrino Zequi
- **Ciências Contábeis** - Prof. Eduardo Nascimento da Costa
 - **Direito** - Prof. Osmar Vieira da Silva
- **Enfermagem** – Prof.^a Dra. Damares Tomasin Biazin
 - **Farmácia** – Prof.^a Lenita Brunetto Bruniera
 - **Fisioterapia** – Prof.^a Gladys Cely Faker Lavado
 - **Nutrição** – Prof.^a Flávia Hernandez Fernandez
- **Pedagogia** – Prof.^a Marta Regina Furlan de Oliveira
 - **Psicologia** - Prof. João Juliani
- **Secretariado Executivo** – Prof.^a Izabel Fernandes Garcia de Souza
 - **Tecnologia em Proc. de Dados** - Prof. Adail Roberto Nogueira
 - **Teologia** - Prof. Rev. Silas Barbosa Dias
 - **Turismo** - Prof. João dos Santos Filho

Editorial

A Revista *eReformatio* mantém seu rumo. As perspectivas que apontamos nesse número imprimem um ritmo reflexivo que manifestam a preocupação de fazer uma Teologia voltada para suas fontes. A questão do batismo, por exemplo, tão abrasada nos tempos atuais pela franca multiplicação de religiões e ou igrejas é abordada com muita dignidade pelo Dr. Carlos J. Klein. Em sua reflexão Klein coloca em evidência a questão do reconhecimento da validade do sacramento do batismo entre diferentes denominações cristãs. Salientará a partir de Optato de Mileve uma tradição que influenciará Santo Agostinho. Tanto um quanto o outro na controvérsia com o Donatismo, defenderão que a validade do batismo não depende da dignidade de quem o administra, mas de Cristo, autor dos sacramentos. A Reforma Protestante do século XVI manteve a concepção agostiniana, com exceção de sua ala radical.

Nessa perspectiva, podemos pensar numa revisão da prática ministerial nas igrejas, pois a Teologia quando estabelece um vínculo paradigmático com o passado, faz emergir novos conceitos fundamentados na Tradição. É com essa preocupação que o Dr. Joaquim J de Moraes Neto escreve a Teologia de Lutero. Seu artigo não busca somente na história da teologia o fundamento da Teologia de Lutero. Moraes Neto diz que a partir do século XVI um novo paradigma teológico se instaura. Trata-se da cruz como ponto central da reflexão teológica. Na verdade Lutero trará para o interior da reflexão teológica da época a dimensão de um fundamento que se fixa não mais na totalidade da salvação, mas sim na alteridade. A cruz de Jesus Cristo quebra os paradigmas judaizantes, trazendo consigo a dimensão de um novo mundo: o mundo do Outro.

Buscar os fundamentos e anunciar com a vida esses fundamentos. É isso que o prof. Ms. Silas Barbosa Dias manifesta em seu artigo. Para a Igreja cristã um dos assuntos mais importantes e urgentes neste novo século é a pregação, para ser mais preciso uma teologia da pregação. Pois uma atitude de indiferença à teologia será o começo de uma total e imprevisível destruição, cujo fim seria um colapso da igreja como instituição e como comunidade relevante e profética, já que a teologia é a espinha dorsal da igreja, nas palavras de Orlando Costas - é ela que a endereça e a fortalece.

É por isso que passamos ao leitor um texto riquíssimo de D. Bonhoeffer sobre a oração. Nesse texto Bonhoeffer diz: "Porque eu sou um pregador da Palavra, eu não posso expor a Escritura a menos que eu deixe que ela fale a mim diariamente. Eu estarei utilizando mal a Palavra em meu trabalho se eu não meditar nela continuamente em oração. Se a Palavra parece muitas vezes vazia para mim, se eu não a tenha experimentado, tudo isto é um sinal inconfundível que eu, a muito tempo, não mais tenho deixado que ela fale ao meu coração".

Daí a importância do discernimento na vida ministerial. Essa foi a preocupação de Lauril Krawczun ao empreender um trabalho de pesquisa com diversos alunos do curso de Teologia. Ele define o significado bíblico do termo "discernimento espiritual". Tem por objetivo esclarecer que é o cristão regenerado que tem condições de utilizar o discernimento como um dom do Espírito Santo. Esse discernimento é aplicado em situações onde se torna necessário identificar qual a origem de certas ações ou ensinamentos espirituais.

Uma boa leitura a todos.

Carlos Jeremias Klein

Normas para Publicação

E-Reformatio publicará artigos, resenhas e outras matérias sobre Religião, Sociedade e Educação de natureza prático-teórico-metodológica.

Serão aceitos textos para publicação nos seguintes idiomas: português, espanhol e inglês.

Os textos devem ser aprovados pelo Conselho Editorial e seguir as seguintes especificações:

- Os trabalhos devem ser digitados em Word 7.0 (ou superior).
- Devem conter título, notas e imagens, o resumo (de no máximo 7 linhas) em português e três palavras-chave.
- Os textos devem ter entre 15 e 30 mil caracteres, digitados em Times New Roman 12, com espaço de 1,5, com margens de 2,0 cm em folha A4.
- As notas devem vir no rodapé e a bibliografia no final do texto.
- As resenhas podem ter no máximo 5 páginas.

NOTA: Os direitos autorais dos são dos respectivos autores que não receberão nenhuma remuneração pela publicação.

eReformatio – Revista de Teologia

Ano I – nº 1 – 2007

ISSN 1808-4362

Ficha Catalográfica

R349

Revista Reformatio, v.1, 2007 – Londrina: UniFil, 2007.
Anual
Revista da UniFil – Centro Universitário Filadélfia.
ISSN 1808-4362

1. Teologia – Periódicos. I. UniFil – Centro Universitário Filadélfia

CDD 230

Bibliotecária responsável Thais Fauro Scalco CRB 9/1165

Sumário

- APORTES SOBRE A TEOLOGIA DA PREGAÇÃO - DESDE ALGUNS FUNDAMENTOS À SUA FINALIDADE
Silas Barbosa Dias
- A TEOLOGIA DE LUTERO
Prof. Dr. Joaquim José de Moraes Neto
- DISCERNIMENTO ESPIRITUAL
Prof. Lauril Krawczun
- INTRODUÇÃO À MEDITAÇÃO DIÁRIA
Dietrich Bonhoeffer
- CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS SOBRE A VALIDADE DO BATISMO CRISTÃO, A PARTIR DE OPTATO DE MILEVE, DE AGOSTINHO E DOS REFORMADORES PROTESTANTES

A TEOLOGIA DE LUTERO

Prof. Dr. Joaquim José de Moraes Neto

Resumo

A Teologia de Lutero estabelecerá a partir do século XVI um novo paradigma teológico . Trata-se da dimensão da cruz como ponto central , tanto da espiritualidade quanto da reflexão teológica. Na verdade Lutero trará para o interior da reflexão teológica da época a dimensão de um fundamento que se fixa não mais na totalidade da salvação, mas sim na alteridade. A cruz de Jesus Cristo quebra os paradigmas judaizantes, trazendo consigo a dimensão de um novo mundo: o mundo do Outro.

Palavras chave: Lutero, teologia, cruz, paradigma

Pouco depois de 1300 havia iniciado a queda da maioria das instituições e dos ideais do período feudal. O espírito da cavalaria, o regime feudal, o Santo Império Romano, a autoridade universal do papado e o sistema corporativo do comércio e da insipiente indústria iam aos poucos enfraquecendo. A decadência institucional deste período levaria o antigo sistema ao desaparecimento. Esgotava-se o período das catedrais góticas e a filosofia escolástica iniciava seu período de descrédito no mundo da cultura. Em lugar de tudo isto surgiam novas instituições com um modo de pensar que será responsável para imprimir, aos séculos que adviriam, uma grande mudança paradigmática em relação à anterior. Neste final de idade Média onde se respirava as condições críticas de uma cultura em declínio e uma outra que surgia é que surge a Reforma. Os homens não mais concebiam o universo como um sistema finito de esferas concêntricas a girar em torno da terra e existindo para a glória e salvação do homem. Já no século XV a teoria heliocêntrica sugeria um cosmos de extensão infinitamente maior, em que a Terra não era senão um pequeno mundo no sistema planetário.

Admitir-se-ia, por outro lado, que a autoridade do governante não estava submetida a qualquer limitação, e alguns chegavam a dizer que o príncipe, no exercício

de suas funções não devia obediência aos canônes da moralidade. Tudo quanto fosse necessário para manter seu poder ou o poder do estado que governava, justificava-se por si mesmo. Ficava evidenciado que esta cultura era tanto um eco do passado quanto um prenúncio do futuro. Grande parte da sua literatura, arte e filosofia bem como sua cultura popular tinham raízes na cultura grega ou nos lendários séculos da Idade Média. Todo este movimento cultural foi o terreno em que se desenvolveu a Reforma.

A teologia medieval, basicamente centrada no ideal escolástico, via-se questionada pela nova ordem que se instalava na sociedade. Um novo paradigma estava sendo delineado no seio da cultura. Neste contexto é que surge a teologia de Lutero. Esta nova teologia não mais meditará sobre o ser de Deus. Teologia é revelação. Mas esta revelação é revelação indireta. Esta teologia reconhece Deus não a partir de obras, mas através da cruz. Teologia da Cruz é aquela que não se reconhece na "glória", mas nos "sofrimentos". Este conhecimento de Deus através do "sofrimento" é assunto da Fé. No Debate de Heidelberg Lutero define o teólogo da seguinte maneira:

19. Não se pode designar condignamente de teólogo quem enxerga as coisas invisíveis de Deus compreendendo-as por intermédio daquelas que estão feitas;
20. mas sim quem compreende as coisas visíveis e posteriores de Deus enxergando-as pelos sofrimentos e pela cruz.
21. O teólogo da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo da cruz diz as coisas como elas são.
22. A sabedoria que enxerga as coisas invisíveis de Deus, compreendendo-as a partir das obras, se envaidece, fica cega e endurecida por completo.

Isto significa que há uma grande inversão na composição epistemológica da Teologia. Não mais se faz teologia buscando através do raciocínio provar a existência de Deus, mas conhece-se Deus a partir da Cruz e do sofrimento. O teólogo da glória vê Deus em tudo, mas o teólogo da cruz enxerga que a verdadeira sabedoria está no Cristo

crucificado. Buscar Deus em outra parte seria pensamento volátil.¹ Em sua rápida introdução ao debate de Heidelberg Lutero assinala que o bom teólogo é aquele que se não confia demasiadamente na inteligência. O inatismo de Lutero é visível. Sua origem remonta à teologia de Agostinho. Para entender esta perspectiva da teologia de Lutero é necessário considerar qual fundamento que estrutura o pensamento agostiniano. O pensamento de Agostinho é de origem neo-platônica e considera, em seu aspecto formal, a idéia de reminiscência. Esta idéia combinada com a doutrina agostiniana da iluminação exerceu grande influência na Idade Média. Opôs-se ao célebre princípio de origem aristotélica o qual diz: *nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu* (nada está nos intelecto que não estivesse antes nos sentidos). O "inatismo" de Lutero não é uma simples característica estrutural de seu pensamento. Ele significa antes de mais nada uma reação contra a teologia escolástica que havia-se tornado terreno fértil para o averroísmo latino. A chegada de Aristóteles ao Ocidente havia trazido consigo uma nova maneira de fazer teologia. A teologia medieval passará a definir suas posições de Fé a partir do *intellectus*. A existência de Deus depende do conhecimento que o homem possui do mundo da *fu/sij*. É por isso que Lutero divide suas 28 Teses do Debate de Heidelberg² em 4 momentos: primeiro ele fala das *obras* (parágrafos de 1 até 11). Depois fala do livre arbítrio e pecado (parágrafos 12 a 18). Num terceiro momento Lutero abre a discussão fundamental a que se propõe e, nos parágrafos 19 a 21 define o teólogo (e com ele a Teologia) como sendo aquele que faz seu trabalho na Cruz. Ora, a Teologia da Cruz é ainda algo de inédito para seu tempo. Ela não se confecciona a partir da razão, mas a partir de um envolvimento total de todo ser. O quarto e último momento do qual fizemos referência são os parágrafos 25 a 28 onde Lutero fala sobre a graça.³ Seu projeto teológico está, portanto, traçado nestes quatro momentos. Não sobra

¹ Cf. VON LOEWENICH, W.; *A teologia da cruz de Lutero*, pp. 17 ss.

² Cf. *Obras Seleccionadas* vol. II, pp. 37 a 54.

³ A definição de graça abordaremos num momento subsequente.

lugar para Aristóteles. Sua Teologia é originalmente anti-escolástica e não aceita a *fu/sij* como ponto de partida. Seu ponto de partida é o próprio Deus.

26. A lei diz: faz isto, mas nunca é feito; a graça diz: crê neste, e já está tudo feito. .../...

28. O amor de Deus não acha, mas cria aquilo que lhe agrada; o amor do ser humano surge a partir do objeto que lhe agrada.

O Deus de Lutero é o Deus da encarnação, portanto presente, na tecitura da história. É um Deus que nasce, cresce, vive e morre.⁴ O Deus de Lutero é envolvente, pois compromete o homem a partir de seus próprios fundamentos. Toda estrutura da vida está comprometida através de um conceito de *praxis* segundo a qual o sujeito teórico é posterior à paixão pela vida. Paixão que especifica uma *praxis* intramundana. Através dela homem torna-se cúmplice na intamundaneidade de Deus que nos mostra nossas profundezas. Lutero nos mostra que "o Senhor nos humilha e nos apavora por meio da lei e da visão dos nossos pecados, para que, tanto diante dos seres humanos quanto diante de nós mesmos pareçamos nada, tolos, maus, assim como de fato somos".⁵

Queremos dizer que na teologia de Lutero existe uma conexão entre pessoa e obra. Não no sentido de justificar-se pelas obras, mas no sentido do comprometimento. A teologia não exclui a pessoa, mas requer seu intenso empenho. A teologia acontece não no espaço de criação onde o teólogo permanece neutro e indiferente, mas sim no lugar onde ele responde com sua vida pela palavra de tal maneira que a palavra seja sua assinatura, sua integridade humana.

Ebeling⁶ assinala um fato muito importante quando afirma que a teologia de Lutero não está alienada de sua pessoa. A expressão cunhada por Lutero: *Sola*

⁴ O poeta latino-americano Martín Fierro em seus versos 163-168 diz: Triste soa minha guitarra/ e o assunto requer;/ninguém espere alegrias,/ mas sentidos lamentos,/ daquele que em duros tormentos,/ nasce, cresce, vive e morre.

⁵ Demonstração das teses debatidas no capítulo de Heidelberg, tese 4, *Obras Seleccionadas* p. 42.

experientia facit theologum não é um princípio, mas trata-se de um programa que ele tirou de sua própria vida. Ebeling diz que na análise da teologia de Lutero não é possível ignorar sua vida, sua experiência. Mas quando nos referimos ao surgimento da teologia precisamos também compreender a percepção que Lutero possui não só de sua época, mas também da tradição histórica do cristianismo. É daí que ele vai extrair a percepção reformatória fundamental, a justificação somente pela fé, no entrelaçamento da vivência pessoal com suas tribulações e a certeza da liberdade final e, por outro lado, determinados problemas teológicos. É daí que nascerá a teologia de Lutero.

Teologia na visão de Lutero era sua profissão, mas também era "aquilo que decide sobre a condição humana, a verdade que proporciona a certeza".⁷ Temos, portanto, dois aspectos que caracterizam o pensamento teológico de Lutero. Por um lado a dimensão da competência humana, da atividade científica e de outro a Fé e a Graça. Tratava-se, portanto, de buscar a especificidade epistemológica de uma *região* do saber. Gaston Bachelard⁸ diz que as regiões do saber científico são determinadas pela reflexão. Não se trata de renunciar, no caso de Lutero e sua Teologia, à razão. A característica de sua Teologia está, precisamente, no fato que ela define uma *região* do saber. A noção de *região*, segundo Bachelard, é a consciência de uma ciência retificada⁹, de uma ciência que tem a marca da ação humana, de ação refletida, industriosa, normalizante. É o ponto de mudança que determina o progresso do conhecimento. Lutero tem consciência de que ele está mudando algo na antiga maneira escolástica de fazer Teologia. O novo é a retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento. Outro aspecto importante da epistemologia de Lutero é a

⁶ EBELING, G., *O pensamento de Lutero*, p. 24

⁷ *Ibidem*. p. 74

⁸ Para Bachelard a realidade da epistemologia é constituída por uma atenção aplicada aos progressos das ciências física e química, por uma vigilância em relação às teorias filosóficas do conhecimento. Fruto destes interesses, ele adota um conceito de retificação progressiva do conhecimento humano. É um eterno recomeçar que exorciza o conhecimento da noção de "sistema", simplesmente adota a noção de região como sendo a consciência dos momentos-chaves destas transformações.

⁹ BACHELARD, G.; *L'epistemologie*, PUF, Paris, 1971, p. 34

questão do "primado do erro". Lutero constrói sua Teologia em cima do erro. O erro, tão vituperado em Lógica formal, significa carência de um saber. No entanto, Bachelard mostrou que o erro é um elemento essencial da teoria. Ele tem sentido positivo. Teoria sem erro transforma-se em dogmatismo. A objetividade será mais clara e distinta na medida em que aparece sobre um fundo de erros. Será que não é isto que Lutero deixa entrever em sua polêmica sobre a justificação e as indulgências? Lutero questiona. Seu questionamento cria um outro elemento epistemológico. Trata-se da *praxeologia* de sua concepção do conhecimento humano. Não se trata de uma Teologia que se torna refém da razão, vítima do jogo da lógica aristotélica. Trata-se de um conhecimento que intervém e transforma o horizonte do agir humano. A teoria deixa de ser teoria das coisas, acompanhada de uma praxis de aplicação do saber à ação, para converter-se em teoria de uma prática que manipula as coisas. O teólogo tornar-se-á, através desta prática, envolvido e comprometido por aquilo que realiza.

Trata-se, portanto, de considerar que a Teologia "se beneficia de alguma forma quando o próprio teólogo tem uma relação vivencial com o objeto de conhecimento".¹⁰ A Teologia terá que morrer quando estiver separada daquilo que forma sua especificidade: a compreensão da tradição bíblica e a compreensão implícita na Fé. Para cumprir sua tarefa a Teologia deve considerar-se, também, como problema hermenêutico. Não se reduzindo a uma compreensão histórica, ela manterá a dignidade contextual da interpretação e compreensão, sabendo discernir entre o entendimento de uma situação e sua atualidade. Como Lutero encara este problema? Para ele toda e qualquer mudança passa e procede de sua hermenêutica. A Teologia como objeto de pesquisa e como ponto de envolvimento pessoal é uma unidade inseparável. A Teologia deve ser reacendida pela Escritura através desta hermenêutica. Não é uma simples intelecção criada a partir da adequação do intelecto à realidade, mas é uma

¹⁰ EBELING, G., *ibid.* p. 74

compreensão que dá certeza da vida tornando potente e pujante, a Palavra no coração do ser humano. Letra e espírito não significa um princípio básico da compreensão dos textos, mas da distinção entre lei da antiga aliança e o Espírito como sendo fator determinante da nova aliança. Em outras palavras podemos dizer que não são simplesmente termos de uma hermenêutica, mas são elementos que caracterizam a diferença entre graça e lei. Como vimos na primeira parte destas reflexões, Agostinho é quem determinará uma tradição teológica da graça. Constatamos daí que a hermenêutica medieval será muito influenciada por Agostinho. Agostinho reconhecerá, no entanto, que no texto de 2Cor 3, 6 o sentido é a diferença entre graça e lei. A apreensão deste significado por Lutero traz uma diferenciação epistemológica muito importante para a Teologia.

Um dos conceitos que especificam a epistemologia de Lutero é a distinção entre lei e evangelho. Esta distinção não se trata de um conhecimento teórico adquirido e disponível como “região” do saber. Distinção não significa uma diferença, ou as coordenadas lógicas que definem duas situações diferenciadas entre si. Esta distinção acontece através da pregação. Entenda-se por pregação “a palavra concreta que pode e deve ser dita por causa de Jesus”.¹¹ A palavra da pregação tem sua origem na encarnação de Jesus Cristo. É o próprio Cristo. O Cristo da pregação é o Cristo histórico e o Cristo presente, diria Bonhoeffer.¹² Assim a palavra da pregação não é a forma ou um meio de expressão de algo, senão daquilo que está dando a distinção à própria palavra: o Cristo que como palavra caminha no meio da comunidade. A pregação cristã é o momento concreto da distinção entre lei e evangelho, ou seja: é acontecimento salvífico. É na distinção entre lei e evangelho que se concretiza a salvação. Neste sentido podemos afirmar que a Teologia tem sentido quando ela está em função da pregação. Esta “função” da Teologia nos mostra seu fio condutor: o ponto

¹¹ EBELING, G.; op. cit. p. 92

capital para a Teologia de Lutero é o aprendizado da distinção em relação à palavra. Distinção significa usar a palavra com capacidade e corretamente. Neste sentido a Teologia não apenas diz, mas produz uma palavra que é acontecimento. Ela abre a possibilidade de uma esperança que não se auto-locupleta. Trata-se de uma esperança que revela no interior da existência a possibilidade de ser desta própria existência. É uma palavra que prende o ser humano a si mesmo, que o interpela frente às suas potencialidades e o requisita a ser livre. A distinção entre lei e evangelho mostra a especificidade da fé diante da vida tal qual ela se apresenta. Esta situação exige do teólogo abertura, confiança e doação de si para libertar-se de si. Portanto, a Teologia está fundamentada no evangelho. Mas devemos entender que a lei, também, fundamenta a Teologia. O Evangelho é o cumprimento da lei. Isto significa que a história, a antiga lei que nela existia tornou-se matéria de Deus, ou seja: é o âmbito, ou o local de atuação de Deus. Assim diz Lutero:

... Deus só acolhe os abandonados, só cura os enfermos, só devolve a visão aos cegos, só vivifica os mortos, só torna piedosos os pecadores, só torna sábios os néscios, em resumo, não se compadece senão dos miseráveis e não concede graça a não ser àqueles que estão em desgraça. Por isso, nenhum vaidoso pode tornar-se santo, sábio ou justo, isto é: tornar-se matéria de Deus e conseguir que deus nele opere, pelo contrário, ele permanece na sua própria obra e faz de si um santo de fantasia, excogitado, aparente, falso e pintado, ou seja, um hipócrita.¹³

Dentro desta perspectiva, a característica da verdadeira Teologia está em seu envolvimento total com a possibilidade que a conduzirá à liberdade. Daí combaterá a arrogância cega do homem desesperado.¹⁴ A Teologia discerne a vida tal qual ela é.

¹² BONHEFFER, D.; *Omilética de Finkenwalde*, Gesammelte Werke IV, p. 237-289.

¹³ apud. EBELING, G.; op. cit. p. 105

¹⁴ No desespero humano faz-se a experiência da carência da necessidade. Kierkegaard em seu trabalho sobre o desespero humano caracteriza isto como sendo o silêncio do homem diante de si mesmo fechando para si a

Lutero mostra que a Teologia capta uma mensagem ontológica básica sobre o ser humano. O ser humano sempre está no não-ser, no vir-a-ser, no ser sempre em deficiência, em possibilidade, em realidade.

Quando alguém se envolve com a Teologia, este alguém acaba não somente adquirindo um método pelo qual dominaria a estrutura gnoseológica do ser, mas sobretudo através do viver, do sofrimento sem o qual não surge o verdadeiro conhecimento. A Teologia se faz diante de Deus e com vistas ao ser humano.¹⁵

Podemos considerar, portanto, que a Teologia de Lutero possui um significado evolutivo, traz em si uma ruptura metodológica e uma diferenciação de significados. O *primeiro* deles é em relação à Sagrada Escritura. Foi ao testemunho bíblico que ele se reportou em seu combate contra Roma ou contra Calvino. O recurso à Escritura contribuiu para o impacto de sua mensagem. Para ele a Escritura não era um código moral ou doutrinal contendo um conjunto de proposições que ao serem aplicadas confirmavam, mecanicamente, a salvação do homem. A Escritura tem autoridade por causa de Jesus Cristo. O *segundo* é a concepção de Deus de Lutero. Ele não escreveu nenhum tratado acerca de Deus. Na teologia escolástica tradicional, Tomás de Aquino distinguia entre um conhecimento geral de Deus e um conhecimento que se referia a Deus e à salvação que somente a revelação poderia conhecer. A razão podia chegar a Deus, mas não conhecê-Lo.

Nós podemos constatar no Debate de Heidelberg esta tentativa de chegar a Deus a partir do ser criado. No Debate de Heidelberg Lutero diz que Deus é conhecido a partir do *embaixo*. Da encarnação do Verbo. Para ele, somente através da Fé é que pode ser assegurado o verdadeiro conhecimento de Deus e das relações do homem com ele. O conhecimento de Deus vem da revelação de Deus em Jesus Cristo que nos esclarece a

possibilidade e a necessidade de transformação. Sobre este assunto podemos nos reportar aos livros I, II e III de *O desespero humano* onde ele focaliza o assunto do desespero enquanto uma doença mortal.

¹⁵ Ibid. p. 166.

respeito de sua natureza profunda. Ele é um ser de amor. Surge o *terceiro* significado: seu amor é Cruz. Este é o tema central da teologia de Lutero. Não se trata de absolutizar sua teologia na paixão de Cristo, mas sim de definir sua natureza através da ação da cruz. Deus age através da Cruz para abrir no espaço existencial a relação entre fé e palavra. Fica destruída a sabedoria humana que pensa poder conhecer a Deus através de um exercício místico que depende do esforço do homem. Neste sentido a cruz não é um objeto da teologia, mas também de espiritualidade. É aceitar seu próprio nada diante de Deus. O ser humano só será salvo se submeter-se ao julgamento de Deus e se estiver disposto a encontrar sua salvação no Cristo crucificado. Nota-se que coincidem justificação pela fé e teologia da cruz. É a loucura do Evangelho. "Quem quiser filosofar sem perigo em Aristóteles precisa antes tornar-se tolo em Cristo".¹⁶ Isto significa receber a loucura de Deus em Cristo como sabedoria que salva.

A ótica de Lutero envolve o homem todo e o qualifica como pessoa. Podemos notar desde a ótica tomista que o caminho percorrido pela antropologia medieval levaria o homem a definir-se como um ser individual. Independente, dotado de razão. Como sujeito autônomo, o ser humano seria um ser consciente, dotado de sua vontade. Assim, o homem seria responsável pelos seus atos. Poder-se-ia falar, em salvação por mérito ou em culpa. A teologia medieval podia, a partir disso, falar sobre graça. A graça, nós o vimos, era vista como dom de uma qualidade dada ao ser humano tornando possível que ele realizasse, através de seu esforço, obras salvíficas a partir de si próprio. Lutero enxerga diversamente esta situação e rompe com esta antropologia. Sua concepção de homem considera a relação entre o ser humano e a força que mobiliza o centro de sua pessoa. A antropologia de Lutero não se fundamenta na autonomia, mas na relação e movimento que ela implica. Para Lutero o ser humano não mais está centrado sobre si mesmo, mas é determinado pelas relações que estabelece com um outro. A antropologia

¹⁶ Debate de Heidelberg, Obras Seleccionadas p. 39.

depende do conceito de alteridade. Revelação é para Lutero alteridade. Alteridade que se manifesta na noção do *deus abscondito* que nos é mostrado no Debate de Heidelberg e na idéia de fé da *Vontade cativa*. Na tese 20 do *Debate de Heidelberg* encontramos uma boa noção desta alteridade. Trata-se da expressão *posteriora dei* ou as costas de Deus. Nenhum mortal pode ver a face de Deus. Em Êxodo 33, 18 Moisés só pode ver Deus pelas costas. O conhecimento direto de Deus não é concedido ao ser humano. Conhecimento de Deus significa conhecimento das costas de Deus. Em outros termos a alteridade é entendida como *devir*. Ou seja: a alteridade é mudar o ponto de vista de mim-mesmo para a heterogeneidade do outro. Levinas diria que o Outro só é possível enquanto *relação*.¹⁷ A *relação* mostra para mim o rosto do Outro, projetando-me para fora de minhas próprias circunstâncias. A relação é uma relação ética e não-alérgica¹⁸ onde se verifica a epifania do rosto. Rosto que nunca chego a possuir porque ele está guardado pela sua identidade. Este sentido Lutero desenvolve como sendo a relação existente entre Deus abscondito e Deus revelado. "Deus é aquele que está abscondito. Esta é sua propriedade. Ele é deveras abscondito, e mesmo assim não é abscondito. Isto porque a carne nos impede de enxergá-lo... Porém na Fé, na palavra, no sacramento ele é revelado e enxergado" (XLIV, 110, 23). Só o Deus escondido acaba por revelar sua face sob o rosto do sofrimento. O Outro não é aquele que se identifica harmonicamente a mim, mas é aquele que se antepõe. A única maneira de encontrá-lo é através da Cruz, no sofrimento de seu estar no mundo. Como diria Heidegger: "Se a existência determina o ser da pre-sença, e o poder-ser também constitui a sua essência, então a pre-sença, enquanto existir, deve, em podendo ser, ainda não ser alguma coisa".¹⁹ O fato de estarmos reduzidos à nossa facticidade existencial nos limita também como um não-ser, ou seja: somos para a morte. A morte, o sofrimento, a Cruz é a interjeição que

¹⁷ Cf. in. *Totalité et infini* p. 24.

¹⁸ Esta noção de Levinas é interessante para elucidar que o culto que a filosofia ocidental prestou à noção de Mesmo é relativizado diante da noção de relação, do frente-a-frente, fonte de todo sentido. Cf. op. Cit. P. 66

¹⁹ HEIDEGGER, M.; *Ser e Tempo*, parte II, pp. 11-12

revela para mim o Outro em sua totalidade. Nós não podemos escapar de nossa própria possibilidade enquanto sofrimento. Fugir desta perspectiva pode ser cômodo, mas não mostra, revela ou abre para mim a pre-sença do Outro. A verdade do Dasein está fundada na temporalidade. Esta temporalidade nada mais é senão o mergulho do homem nas vicissitudes da vida. Neste sentido é que o pecador é justo em Cristo.²⁰ Estar no mundo enquanto alteridade pode ser compreendido como a experiência de sermos estrangeiros. "Uma olhada na preleção sobre o Gênesis revela uma vez mais que a idéia da condição de estrangeiros não se encontra só no Lutero jovem. Lá a encontramos com a mesma certeza que a idéia do deus abscondito. A história de Abraão se constitui para Lutero na (...) clássica ilustração da condição de estrangeiros. E nisso Abraão é pai de todos nós (XL, 102, 37ss.). Todos nós somos estrangeiros e hóspedes; a máxima paulina ter como se não tivéssemos deveria ser a regra de nossa conduta prática (XLIII, 441, 40 ss.)".²¹

Bibliografia

- BACHELARD, G.; *L'epistemologie*, ed. PUF, Paris, 1971
- BONHOEFFER, D.; *Omiletica de Finkenwalde*, in *Gesammelte Werke IV*, Berlin, 1968. Cf. tradução italiana in *La Parola predicata*, Torino, ed. Claudiana, 1984.
- EBELING, G.; *O pensamento de Lutero*, ed. Sinodal, São Leopoldo, 1988.
- HEIDEGGER, M.; *Ser y Tempo*, ed. F. Cultura Econômica, México/Madrid/Buenos Aires, 1989
- LEVINAS, E.; *Totalité et Infini*, ed. Martinus Nihoff, La Haye, 1961.
- VON LOEWENICH, W., *A teologia da cruz de Lutero*, Ed. Sinodal, São Leopoldo, 1984.
- LUTERO, *Obras*, ed. Sinodal, São Leopoldo, 1970

²⁰ LOEWENICH, W.; *A teologia da cruz em Lutero*, p. 114

²¹ *Ibid.* p. 117

Aportes sobre a Teologia da Pregação Desde alguns fundamentos à sua finalidade Por Silas Barbosa Dias¹

Pregação é quando a teologia extravasa de uma pessoa que está em chamas.¹

*Melhor intenso que extenso!
Se bom e breve, duas vezes bom. Se ruim e breve, menos ruim!²*

INTRODUÇÃO

Para a Igreja cristã um dos assuntos mais importantes e urgentes neste novo século é a pregação, para ser mais preciso uma teologia da pregação. Pois uma atitude de indiferença à teologia será o começo de uma total e imprevisível destruição, cujo fim seria um colapso da igreja como instituição e como comunidade relevante e profética, já que a teologia é a espinha dorsal da igreja, nas palavras de Orlando Costas – é ela que a endereça e a fortalece.

A Igreja necessita entender sua mensagem para poder ser verdadeiramente a Igreja. A compreensão dessa mensagem é a tarefa precisa da teologia. Isto quer dizer, a teologia liga-se com a mensagem do evangelho, que é a expressão sintética da relação entre Deus e o seu mundo, e da natureza de Deus, que se expressa nessa relação. Só entendendo a natureza de Deus e suas relações com o mundo, pode a igreja manter sua identidade. “*Sem a teologia, a Igreja termina no superficial, na superstição e na heresia.*”³

De igual modo, uma atitude de indiferença à pregação derrubará a teologia de seu lugar de espinha dorsal da Igreja, já que, como temos afirmado, a teologia tem a ver com o evangelho mesmo, que não é um conceito abstrato, mas um conceito dinâmico que se move até um fim e até um propósito específico. Assim como a teologia procura entender a mensagem mesma do evangelho, assim a pregação lhe dá uma finalidade ao seu labor, e, por conseguinte, lhe dá o propósito e o sentido de ser verdadeira teologia, como sabedoria de Deus para a realidade humana.

¹ M. Lloyd-Jones, *Preaching*, p. 70.

² José Ramos Domingo, *Transmitir Hoy La Palabra, indicaciones para la homilía*, PPC:1998, p. 101.

³ Orlando Costas, em *Simpósio de Pastores da Ipi do Brasil, na década de 80*.

Assim como a Igreja necessita entender sua mensagem para manter sua identidade, assim também necessita transmitir essa mensagem para lhe dar consistência em suas reflexões teológicas.

É necessário por essa razão considerar a inter-relação entre a teologia e a evangelização. Primeiro, porque, uma não pode existir sem a outra; Segundo, porque não se pode considerar a 'teologia da pregação' se não tivermos claro a natureza da teologia e da pregação, e a relação que existe entre as duas. Com isto em mente, devemos focar este assunto desde duas perspectivas: Primeiro, desde a perspectiva da teologia como fundamento da pregação; e Segundo, desde a perspectiva da pregação como objetivo da teologia.

1. A TEOLOGIA COMO FUNDAMENTO DA PREGAÇÃO

O que é a teologia? O que se entende por pregação? Num sentido mais amplo, a teologia é a tarefa de apreender, entender o falar de Deus. Neste sentido, todo aquele que entra numa conversação qualquer que seja a respeito de Deus está fazendo teologia, e por tanto, está exercendo a função de teólogo. Num sentido mais específico, a teologia é o estudo das relações entre Deus e o ser humano, e a compreensão de Deus que se deriva dessas relações.

Enquanto a pregação é simplesmente a tarefa de confrontar o ser humano com o evangelho como o fim de que dele possa desfrutar em plenitude.

Desde esta definição está implícita a idéia de que o evangelho é preeminentemente um evento que se relaciona decisivamente com todos os seres humanos. Esse evento nos diz as Escrituras, se resume na vida de Jesus Cristo dada como sacrifício em redenção da humanidade, na humilhação de sua sepultura e na ressurreição de sua morte. Também está implícita a idéia de que o Evangelho significa algo sumamente extraordinário para toda a humanidade. Esse 'algo' pode ser resumido como plenitude de vida, com tudo que isto possa significar: perdão, justificação, liberdade, reconciliação, esperança e segurança eterna.

A pregação tem seu ponto de partida em Deus, se sustenta por Deus e tem seu fim em Deus. Por esta razão a pregação não pode ser concebida como uma faceta da atividade da Igreja, senão como o centro de sua vida e conseqüentemente como expressão de sua teologia, como queriam os reformadores do século XVI. Podemos concluir que a pregação tem sua origem no Deus triuno, pois depende de nossa fé em Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Finalmente afirmamos que a pregação depende da teologia para sua execução. A teologia dá conteúdo à pregação. Esse conteúdo, como pode ser dito, é a transformadora mensagem do Evangelho. Como a tarefa da teologia é compreender e refletir sobre a experiência original e atual dessa fé, então se deduz que não pode haver verdadeira pregação como sabedoria transformadora sem uma verdadeira e saudável teologia.

2. A PREGAÇÃO COMO FINALIDADE DA TEOLOGIA.

A teologia não é uma disciplina abstrata, mas a reflexão sobre a atividade de Deus em sua revelação na história humana. O que teologiza liga-se com o que Deus faz, não meramente com o que Deus é. A compreensão do ser de Deus se deriva de sua atividade dinâmica. Portanto, toda atividade teológica é produto da atividade de Deus e não vice versa. Dito de outra maneira, a doutrina não é mais que uma reflexão sobre o evento ou a ação. De aqui aprendemos que na Bíblia a ação sempre precede a doutrina. Prova disto são os numerosos incidentes tanto no Antigo quanto no Novo testamento, que forma o transfundo para as grandes doutrinas bíblicas. Por exemplo, o Deus cuja vontade se dá a conhecer nas tábuas da lei, é o Deus que primeiramente tem atuado na criação, no chamamento de Abraão e no êxodo. Vemos que apenas após o Calvário é que teremos uma doutrina da cruz. A ação divina vem como momento primeiro e a doutrina como momento segundo.

O que tem sido dito afirma assim, que toda verdade teológica tem um caráter funcional, que em conseqüência, se move até uma finalidade. O fim da teologia é o conhecimento de Deus, porém não um conhecimento abstrato do ser de Deus, senão da pessoa de Deus como Senhor e Salvador. Noutras palavras, a teologia tem um propósito soteriológico. Esse propósito se faz claramente evidente quando examinamos as características distintivas da teologia, ou seja: as verdades que se derivam da ação de Deus na história.

3. O QUE DEVE BALIZAR UMA TEOLOGIA DA PREGAÇÃO QUE VENHA A SER PERTINENTE AO MUNDO ATUAL?

Há em meu entender pelo menos quatro pólos que deverão constituir em eixos basilares de uma saudável teologia da pregação contemporânea: Uma clara compreensão da revelação de Deus em Jesus Cristo; as implicações da redenção

como núcleo atrator cristológico; o caráter kerigmático da missão do povo de Deus e finalmente o princípio motivador e norteador de toda pregação, o Reino de Deus.

a. A Revelação de Deus

A teologia tem uma característica fundamental imprescindível, a qual é a revelação que Deus tem feito de si mesmo. Somente podemos falar de Deus porque Ele primeiramente nos tem falado de si mesmo em Jesus Cristo. Por esta razão a Bíblia começa dizendo: 'no principio Deus', e neste principio o 'homem andava em busca de Deus'. Deus se revela e se comunica, por isso é o verbo que se fez carne. Fez-se comunicação.

É Deus quem primeiramente busca o ser humano, convidando-o a conhecê-lo como salvador e Senhor. Podemos assim afirmar que Deus nos tem falado porque Seu Filho se fez carne e habitou entre os seres humanos ' e vimos a Sua Glória' como glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade' João 1:14.

A auto-revelação de Deus em Cristo nos indica que o ponto de partida da teologia é a graça de Deus. O Deus que se dá a conhecer é um Deus de amor, profundamente preocupado pela existência humana, que anela dar-lhe sentido e propósito, mesmo quando este ser humano não mereça. A revelação de Deus indica que o propósito único da teologia é o conhecimento pessoal de Deus, e a repercussões verticais e horizontais que há nesse conhecimento: adoração e uma espiritualidade envolvente com a vida. Uma liturgia dos olhos, das mãos e dos pés, como quis Jesus.⁴

b. A redenção

A teologia é uma verdade redentora. A revelação tem o seu complemento perfeito na redenção. Temos que considerar a revelação desde uma perspectiva soteriológica, já que o descobrimento de Deus ao ser humano se faz sempre em seu caráter de Salvador e Senhor. Em outras palavras, a auto-revelação de Deus é um evento salvífico. O fim dessa revelação é a criação de um novo homem em Jesus Cristo, assim a cristologia pode ser afirmada como o coração da teologia, como muito bem escreveu Abraham van de Beek⁵. A revelação tem seu ponto mais alto na vida e na obra de Jesus Cristo, cujo clímax se dá em sua obra redentora. A ação

⁴ Casiano Floristán, *Teologia Práctica*, Sigueme: Salamanca, 2002, p. 35-37.

⁵ BEEK, A. van de, *Jesus Kurios, Christology as heart of theology*, Zoetermeer: Meinema, 2002.

redentora de Deus em Cristo é o centro da teologia. Tudo o que precede é de caráter preparatório e promissório. Tudo que segue é o fruto e o resultado dessa obra.

c. O Kerigma

Em terceiro lugar a teologia se caracteriza pelo *kerigma*. Essa ação redentora, sobre a qual reflexiona a teologia, é para ser disseminada. É tão poderosa (Paulo a chama 'o poder de Deus para a salvação' em Rom. 1:16) que não pode ser contida. É para ser compartilhada e divulgada por todo o mundo. Essa ação redentora é o Evangelho (boa novas), ou seja: um *kerigma*, um anúncio ou uma proclamação, que na medida em que vai lançando raízes nas vidas dos seres humanos vai disseminando por todas as partes e lugares do mundo. Este espalhar da mensagem toma a forma de uma comissão.

Os que são afetados pelo Evangelho são enviados a exercer o papel de arautos. Essa comissão divina dá ao Evangelho um objetivo teocêntrico que livra o arauto da preocupação com seus próprios recursos. Como muito bem afirmou Katonen:

A preocupação primordial de alguém que tem sido comissionado por outro a pronunciar uma mensagem é que esta seja apresentada e o que seja comunicado seja verdadeiramente a mensagem. Somos embaixadores de Cristo. Um embaixador não estabelece a política de seu governo, senão que a executa. Portanto, é a política de Deus salvar pessoas pela proclamação do Evangelho. Não temos o direito de substituir o Evangelho por qualquer outra coisa, nem de fortificá-lo com uma sustentação externa. Não somos chamados, por exemplo, a provar que o Evangelho é verdadeiro. O Evangelho se valida a si mesmo. Damos testemunho do Evangelho e deixamos que o Espírito Santo produza os resultados.⁶

d. O Reino de Deus.

Finalmente, a teologia se caracteriza por seu enfoque centrado no Reino de Deus. Numa forma mais ampla, o Reino de Deus é o governo soberano de Deus

⁶ T. A. Kantonen, *The Theology of Evangelism*, Filadélfia: Muhlenberg Press, 1953, p. 4

sobre o todo criado. Numa forma mais particular, é uma ordem de vida caracterizada pelo reinado soberano de Deus sobre o mundo em sua totalidade, porém especialmente sobre pessoas que o conhecem, o adoram e o servem com amor e vivem em comunhão de uns para com os outros. Embora tenhamos que admitir que esta ordem de vida tenha a ver com o futuro, por pertencer ao *eschaton*, seus sinais são vislumbrados *já* na vida e na missão da Igreja.

A Igreja é uma expressão ou manifestação presente da realidade futura do Reino de Deus. Como o novo Israel e como primícias de uma nova humanidade, a Igreja antecipa a vinda dessa nova ordem de vida que tenderá como princípio a reconciliação de todas as coisas debaixo do reinado soberano de Deus. “*Como realidade do tempo colocado entre o começo do agir escatológico de Deus e a consumação final*”,⁷ a Igreja é chamada a participar do estabelecimento do Reino por meio da pregação.

Na pregação o Evangelho, a Igreja anuncia a toda a humanidade a possibilidade de participar nessa nova ordem de vida por meio da fé na obra redentora de Cristo. Igualmente, a Igreja chama os seres humanos ao arrependimento e à aceitação do reinado soberano de Cristo sobre suas vidas.

A pregação é, pois, o veículo para o estabelecimento do Reino de Deus entre os seres humanos. E por quanto a teologia tem como fim o conhecimento de Deus como Senhor e Salvador, o qual implica participação em Seu Reino, que é onde culmina esse conhecimento, se deduz que a pregação é o fim da teologia.

Ao afirmar que a pregação é o fim da teologia não quero dizer que a pregação como atividade seja um fim. Isto negaria tudo o que venho afirmando em torno do conhecimento de Deus e de seu Reino como a esfera onde se dá tal conhecimento. O que quero dizer é sim que a teologia tem uma função *kerigmática*, e que, portanto, pregação. Já temos observado que a teologia se deriva da ação reveladora e redentora de Deus, tem um caráter *kerigmático* e se enfoca no estabelecimento do reino de Deus entre os seres humanos. Por outro lado, a pregação cumpre com o propósito da teologia, por quanto apresenta Deus que se revela redentoramente, anuncia o evangelho de redenção e funciona como veículo a serviço do Reino de Deus.

⁷ Costas, Orlando, *Hacia una Teología de la Evangelización*, Buenos Aires: Aurora, 1973.

A teologia e a pregação se necessitam reciprocamente ao se complementarem. Não pode haver pregação sem teologia. Tão pouco pode haver teologia sem pregação.

A inter-relação entre a teologia e a pregação, gera a necessidade da elaboração de uma teologia da pregação que apresente de forma mais sistemática o conteúdo básico da pregação e o núcleo da teologia, que são as escrituras.

Vale dizer que a teologia é uma disciplina que depende não somente de material bíblico, senão também da organização desse material, das diversas interpretações que tem havido na história do pensamento cristão e nas grandes doutrinas elaboradas, levado sempre em conta as problemáticas das épocas históricas quando foi construída a teologia.

A pregação, vista desde a perspectiva da teologia, tem um processo similar, já que, recebe seu conteúdo da teologia.

Bibliografía

FLORISTÁN C, *Teologia Práctica*, ed. Sigüeme, Salamanca, 2002

BEEK, A. van de, *Jesus Kurios, Christology as heart of theology*, Zoetermeer: Meinema, 2002 Costas, ORLANDO, *Hacia una Teología de la Evangelización*, Buenos Aires, ed. Aurora, 1973 T. A.

KANTONEN, *The Theology of Evangelism*, Filadélfia, Muhlenberg Press, 1953 José Ramos Domingo,

DOMINGOS, J. R., *Transmitir Hoy La Palabra, indicaciones para la homilía*, PPC:1998,

¹ Silas Barbosa Dias é professor de Teologia Sistemática e Homilética na Unifil. Doutorando na Free University of Amsterdam. Mestre em Estudos Ecumênicos pela Unigeve (Universidade de Genebra) e mestre em Teologia Reformada pela Free University of Amsterdam.

Considerações históricas e teológicas sobre a validade do Batismo Cristão, a partir de Optato de Mileve, de Agostinho e dos reformadores protestantes

Carlos Jeremias Klein

Resumo

O artigo trata da questão do reconhecimento da validade do sacramento do batismo entre diferentes denominações cristãs. Destaca a importância do legado de Optato de Mileve e de Santo Agostinho, os quais, em controvérsia com o Donatismo, um movimento cismático dos séculos IV e V, defenderam que a validade do batismo não depende da dignidade de quem o administra, mas de Cristo, autor dos sacramentos. A Reforma Protestante do século XVI manteve a concepção agostiniana, com exceção de sua ala radical. O documento “Batismo, Eucaristia e Ministério”, firmado 1982 em Lima, Peru, pela Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas, conclama as igrejas ao reconhecimento mútuo do batismo.

Palavras chaves

Batismo, Rebatismo, Optato de Mileve, Agostinho, Reformadores.

Introdução

A busca de uma compreensão do Batismo que possibilite o reconhecimento do mesmo pelas diferentes tradições ou denominações cristãs foi e continua sendo um dos grandes desafios na história do cristianismo.

Este trabalho tratará de algumas controvérsias em torno da validade do batismo no cristianismo ocidental, desde as controvérsias de Optato de Mileve e Santo Agostinho com os donatistas nos séculos IV e V, até as controvérsias no contexto das Reformas do século XVI.

Após alguns pontos sobre a teologia do Batismo na Reforma, serão abordadas algumas discussões acerca da prática rebatismal nos presbiterianismos norte-americano e brasileiro, nos séculos XIX e XX. Este recorte explica-se pelo fato de parte desse ramo do protestantismo adotar tardiamente a prática rebatismal, em contextos que nos parecem ser de interesse para o tema da unidade da Igreja. Finalmente, serão comentadas algumas conclusões do Documento “Batismo, Eucaristia e Ministério”, da Comissão de Fé e Constituição, do Conselho Mundial de Igrejas, no tocante ao sacramento do Batismo.

1. Controvérsias sobre a validade do batismo na Antiguidade. Os Donatistas, Optato de Mileve e Santo Agostinho

O Movimento Donatista surgiu no século IV no Norte da África postulando que a validade dos sacramentos estava condicionada à dignidade dos que os administram. De fato, o movimento teve origem com a sagração, em 311, do bispo Ceciliano, em Cartago. Um concílio regional realizado em 312 depôs Ceciliano, sob alegação de que o bispo sagrante, Felix de Aptungo, não se manteve firme na perseguição do tempo de Deocleciano, sendo, desta forma, indigno. O grupo sagrou bispo Majorino, que não tardou ser sucedido por Donato, o Grande, daí o nome do movimento.

O rebatismo foi amplamente praticado, e esse grupo adotou um posicionamento eclesiástico exclusivista. O bispo donatista Parmeniano, sucessor de Donato, o Grande, em carta aberta, afirmou que a igreja do donatistas “é a única que se encontra na posse do verdadeiro batismo de Cristo”.¹ Adotou-se, também, a fórmula: “Grande é a Igreja dos númidas; nós somos os cristãos, somente nós”.²

Entre opositores da prática rebatistal dos donatistas destacam-se Optato de Mileve e, principalmente, Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona. A teologia sacramental de Agostinho, em polêmica com os donatistas, veio a constituir-se norma no cristianismo ocidental, católico e das igrejas oriundas da Reforma do século XVI, exceto da ala radical, também chamada anabatista.

Os donatistas entendiam que a validade dos sacramentos, em particular do batismo, dependia da dignidade do ministrante. Para o bispo de Hipona, isto equivalia a “por a esperança em um homem” e não em Cristo, por cujo mérito os sacramentos recebem eficácia.³ Agostinho reconhece a validade do batismo administrado por cismáticos ou hereges, desenvolvendo um argumento utilizado um pouco antes por Optato de Mileve, que escreveu aos donatistas: “Vós mesmos podeis ponderar como os que batizam são somente ministros, e não árbitros dos sacramentos... deixai a Deus o direito de conceder o que é seu. De fato, esse dom não pode ser concedido pelo homem, pois é divino”.⁴ Para Agostinho a graça e o sacramento são sempre de Deus: “Se o

¹ JEDIN, Hubert. *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona, Herder, 1980, p. 211.

² Idem. Note-se que “A Igreja dos númidas”, isto é, da Numídia, era a dos donatistas.

³ Jedin, H., Op. cit., p. 231.

⁴ Optato de Mileve, V,4, Apud Padovese, Luigi, *Introdução à teologia patrística*, 1999, p. 104.

homem é bom, está unido a Deus e colabora com Deus; se é mau, Deus opera por ele a forma visível do sacramento e dá por si mesmo a graça invisível”.⁵

No caso de os batizados fora da Igreja virem à mesma, sua recepção deverá ser apenas por imposição de mãos. O pensamento agostiniano pode ser resumido: “A Igreja é a comunidade dos que têm ouvido ou hão de ouvir no futuro a chamada de Deus em Cristo, mas a unidade interna desta Igreja só se atingirá plena realidade pela paz que nela opera o Espírito Santo... O Espírito é o vínculo que constitui a Igreja a ‘comunhão dos santos’”.⁶

2. O Batismo na Reforma

2.1 Martinho Lutero

Martinho Lutero (1483-1546) tem seu nome indissolúvelmente vinculado à Reforma do século XVI. Não faria jus ao reformador de Wittenberg afirmar que ele teria recuperado a centralidade da Palavra em detrimento da importância dos sacramentos. De fato, diz Lutero: “Deus não quer tratar com nós homens de outra maneira senão mediante sua palavra externa e pelos sacramentos”.⁷

Lutero concebe sacramento como constituindo-se de ‘promessa e sinal’. Adotou o conceito de Santo Agostinho: “Accedit verbum ad elementum et fit sacramentum” (Acrescente-se a Palavra ao elemento e se obterá um sacramento)⁸ e criticou a concepção sacramental *ex opere operato* tal como era entendida na época, a saber, que a eficácia do sacramento depende tão somente de sua realização.⁹

Para Lutero são elementos essenciais do batismo a água (sinal externo) e a Palavra, unida à água. Em seu *Catecismo Maior* reage face aos que desvalorizam o sacramento do Batismo: “por todas as partes surgem seitas vociferando: o batismo é um ato exterior, e o exterior não é necessário”¹⁰, dizendo que o que Deus instituiu não pode ser desnecessário, o Batismo é obra de Deus: “Ser batizado em nome de Deus significa

⁵ SAN AGUSTIN, *Epístola 105, III, 42*, In *Obras de San Agostin, Tomo VIII*, Cartas, BAC, 1950, p. 770.

⁶ *Ibidem*, p. 232.

⁷ Artigos de Smalcalde, III,m VIII, 10, LUTERO, M. *Obras Seleccionadas*, Vol. 1, São Leopoldo, 1987, p. 413.

⁸ Apud Hägglund, 1986, p. 205.

⁹ Altmann, em *Lutero e libertação* (São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Ática, 1994, p. 155, nota 5) observa que atualmente esta crítica do reformador não teria razão mais razão de ser “na medida em que a teologia católica já não entende dessa forma simplista o *ex opere operato*...também para o Vaticano II...os sacramentos ‘supõem fé, ‘a alimentam, fortificam e exprimem’ (Constituição Dogmática sobre a sagrada liturgia, art. 59, in Vaticano II, Documentos conciliares, p. 128), o que certamente é uma formulação bela e adequada para o que Lutero queria acentuar”.

ser batizado por Deus mesmo, não pelo homem. Portanto, embora o batismo se realize pela mão do homem, trata-se, na realidade, de uma obra de Deus mesmo”.¹¹

No *Catecismo Menor*, de Lutero, à pergunta: “Que dá ou aproveita o batismo?” a resposta é: “Opera a remissão dos pecados, livra da morte e do diabo, e dá a salvação eterna a quantos crêem, conforme dizem as palavras e as promessas de Deus”.¹² O Batismo comporta também um sentido escatológico: sua consumação somente se dará na morte e ressurreição do último dia do cristão. Até lá, o mesmo é ‘simultaneamente justo e pecador’. “Então, completamente tirados da água do Batismo e nascidos perfeitos, vestiremos o verdadeiro traje batismal da vida imortal no céu”.¹³

A prática de qualquer tipo de rebatismo é rejeitada pelo reformador: “E como o Evangelho não é falso ou incorreto porque alguns o utilizam de forma errada...assim também o batismo não é falso ou incorreto mesmo que alguns o tenham recebido ou administrado sem fé ou dele fazem uso indevido. Por isso rejeito e condeno totalmente os ensinamentos dos anabatistas, donatistas e quem quer que esteja praticando um segundo batismo”.¹⁴

2.2 *Ulrico Zwinglio*

Ulrico Zwinglio (1484-1531), o principal reformador da Suíça de língua alemã, iniciou a Reforma em Zurique, em 1522. Para Zwinglio, os sacramentos são sinais ou símbolos que nos despertam a memória. A participação nos sacramentos demonstra a vontade de pertencer à Igreja. Tillich comenta a concepção sacramental zwingliana: “O Espírito divino age ao lado dos sacramentos e não por meio deles. Trata-se de um sinal obsequioso, como um distintivo”.¹⁵ Zwinglio e as igrejas que se mantiveram ligadas à sua Reforma não adotaram o rebatismo.

2.3 *João Calvino*

João Calvino (1509-1564) teve influência maior que Zwinglio. Em 1536 publicou a primeira edição das “Institutas da Religião ou Tratado da Religião Cristã”.

¹⁰ LUTERO, M. *Catecismo Maior*, p. 136.

¹¹ *Ibidem*, p. 137.

¹² LUTERO, M. *Catecismo Menor*, Porto Alegre, Concórdia, 1967, p. 14.

¹³ LUTERO, M. *Obras selecionadas*, Vol. 3, p. 415.

¹⁴ LUTERO, M. *Pelo Evangelho de Cristo*. Porto Alegre/São Leopoldo, Concórdia/Sinodal, 1984, p. 293.

¹⁵ TILLICH, P. *História do pensamento cristão*. São Paulo, ASTE, 1988, p. 237.

Tal como Lutero, adota a concepção agostiniana de sacramento: “Que a Palavra se una ao elemento (signo sensível) e resultará o sacramento”.¹⁶

Para Calvino, nas *Institutas*, o batismo é uma marca de nosso cristianismo e o sinal pelo qual somos recebidos na Igreja para que, enxertados em Cristo, sejamos contados entre os filhos de Deus. Eis alguns pontos da teologia batismal de Calvino:

1. O Batismo atesta a remissão dos pecados. É sinal e documento de nossa purificação.
2. O Batismo é um sacramento de penitência. Assim, não há necessidade de um novo sacramento.
3. O Batismo atesta nossa união com Cristo.
4. O Batismo não restaura a justiça e pureza originais.
5. O Batismo serve para nossa confissão diante dos homens.
6. A validade do Batismo não depende da dignidade de quem o administra.

Para Calvino, os anabatistas repetem os erros dos donatistas, ao negarem a validade do batismo realizado na Igreja Católica. Lembra havermos “sido iniciados pelo batismo não em nome de algum homem, pelo contrário, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19)”.¹⁷

3. Discussões sobre a questão rebatismal nos séculos XIX e XX, no Presbiterianismo

3.1 No Presbiterianismo norte-americano

Vimos que a posição do Protestantismo histórico, à exceção dos grupos oriundos da Reforma radical, é contrária ao rebatismo.

Na primeira metade do século XIX, nos EUA, intensificou-se a imigração de novos grupos, sobretudo de franceses, irlandeses e alemães católicos. O novo padrão de imigração gerou certo desconforto na maioria protestante. A paranóia anticatólica, que via no crescimento da Igreja Católica uma ameaça à democracia americana, atingiu os púlpitos protestantes e teve influência principalmente no Presbiterianismo.

Assim, a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana da América, em 1835, deliberou que “a Igreja Católica Romana apostatou essencialmente a religião de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e, por isso, não é reconhecida como igreja cristã”.¹⁸ E a

¹⁶ CALVINO, J. *As Institutas*, 1968, p. 1008.

¹⁷ CALVINO, J. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. São Paulo, C.E.Presbiteriana, 1989, p. p. 297.

¹⁸ HAHN, Carl J. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo, ASTE, 1989, p. 161.

Assembléia Geral de 1845 dessa Igreja decidiu “que o batismo realizado pela Igreja Romana não é válido.”¹⁹ Contudo Charles Hodge (1797-1878), teólogo expoente do Presbiterianismo norte-americano, do Seminário de Princeton, discordou dessa posição. Diz Hodge: “A doutrina protestante ensina que o batismo não inicia o recipiente em qualquer Igreja particular, mas na Igreja Universal... Nós mantemos que o batismo romano é válido; válido para tornar o recipiente membro da Igreja Universal, por ser um lavar com água em nome da Trindade, com o fim de significar, selar e aplicar os benefícios do pacto da graça”.²⁰

Em 1875, uma nova Assembléia Geral dos presbiterianos alterou a resolução do concílio de 1845: as igrejas locais decidiriam livremente sobre a prática ou não do rebatismo, o que, para Émile Léonard, foi uma “esplêndida confissão de incapacidade teológica”²¹, considerando que o presbiterianismo não é congregacionalista.

3.2 No Presbiterianismo brasileiro

Em 1859 chegou ao Brasil o missionário presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton, enviado pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Em 12 de janeiro de 1862 foi organizada a primeira Igreja Presbiteriana no Brasil, no Rio de Janeiro, em um culto no qual foi recebido por profissão de fé o Sr. Milford, batizado na infância na Igreja Episcopal, e por rebatismo o Sr. Camilo Cardoso de Jesus, vindo do catolicismo romano.

Contudo, Simonton não foi o pioneiro da prática rebatistal no Brasil. O missionário escocês Robert Kalley, que chegou ao Brasil em 1855, rebatizou, em 1858, o Sr. Pedro Nolasco de Andrade, quando da organização da Igreja Evangélica Fluminense, segundo as normas do Congregacionalismo.

Simonton, além da decisão da Assembléia Geral de 1845 de sua Igreja, nos EUA, sofreu também influência de Kalley, com quem se aconselhou. Porém, a prática rebatismo de pessoas vindas do catolicismo não era total no presbiterianismo incipiente: “(...) no caso de eles não desejarem ser rebatizados, para evitar distúrbios em suas consciências, eram aceitos para profissão de fé sem novo batismo”.²²

¹⁹ Ibidem, p. 162.

²⁰ Apud Léonard, E.-G., *Revista de História*, (USP), Anexo II, n. 7, julho-setembro de 1951.p. 185.

²¹ LÉONARD, E.-G. *O protestantismo brasileiro*. Rio de Janeiro/São Paulo, JUERP/ASTE, 1981, p.108.

²² ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro, ISER, 1982, p. 37.

Para Carl J. Hahn, o rebatismo foi “o primeiro problema litúrgico sério com que se defrontou a missão presbiteriana no Brasil”.²³ O assunto foi discutido no segundo Sínodo do Presbiterianismo brasileiro, em 1891, e na sessão de 5 de setembro decidiu-se pela não validade do batismo realizado na Igreja Católica Romana. Por solicitação, foi registrado nas Atas um protesto, assinado por John M. Kyle e Emmanuel Vanorden, a saber:

Nós, abaixo assinados, protestamos contra a decisão do Sínodo, declarando inválido o batismo romano, visto o acharmos inconveniente:

1. Porque grande parte dos teólogos da Igreja Protestante, incluindo Lutero, Calvino, Cunningham, os Hodges, pai e filho, Patton, Schaff, Briggs e outros o têm por válido;
2. Porque é fato histórico que só um ramo da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos da América se declara contra a validade desse batismo e o Sínodo por este ato se opõe à posição das Igrejas chamadas Reformadas;
3. Porque as Igrejas Metodista e Episcopal reconhecem ambas esse Batismo, e deve haver toda a harmonia possível em questões dessa ordem;
4. Porque nesta questão deve haver a maior caridade possível.²⁴

A questão rebatistal foi rediscutida na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), em concílio maior dessa igreja de 1916, cuja decisão foi: “Em face dos bons resultados colhidos em meio século de experiência em que ficou demonstrada a excelência do método de seu receberem por batismo as pessoas vindas diretamente do Igreja Romana, o S. C. resolve que essa prática seja continuada”.²⁵ É digno de nota que nenhuma argumentação bíblico-teológica foi apresentada, a decisão foi de caráter utilitarista: “em face dos bons resultados”.

Durante algum tempo a IPB não reconheceu o batismo da Igreja Batista, mas o concílio maior de 1930 deliberou: “Não se devem rebatizar membros vindos da Igreja Batista, revogando-se as disposições anteriores”.²⁶ A esta altura, poder-se-ia atribuir a prática do rebatismo de católicos a um preconceito religioso.

A IPB manteve prática rebatistal de ex-católicos em seu Supremo Concílio de 17 a 24.7.90, realizado em Governador Valadares.²⁷

²³ HAHN, Carl J. Op. cit., p. 313.

²⁴ Actas do Synodo da Igreja Presbyteriana do Brasil, pp. 26-27, Apud Digesto Presbiteriano (org. por Mário Neves), São Paulo, Casa Ed. Presbiteriana, 1950, p. 157.

²⁵ Digesto Presbiteriano, 1950, p. 209.

²⁶ Ibidem, p. 208.

²⁷ Atas e Documentos da XXXII Reunião do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Governador Valadares, de 17 a 24.07.90.

A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), constituída em 1º de agosto de 1903, manteve a posição da igreja-mãe quanto ao rebatismo. Mas na chamada “Questão Doutrinária” (1938-1942), num manifesto assinado por Epaminondas Melo do Amaral, Eduardo Pereira Magalhães, Lívio Teixeira, Olímpio Batista de Carvalho, Ruy Guttieres e Thomaz Pinheiro Magalhães, em 20.12.41, no item 8, recusam-se a “assumir sistemática atitude de combate à Igreja de Roma (ou à Ortodoxa)”²⁸ Sobre o rebatismo, afirmam: “Assim, julgamos que é matéria grave, para ser tão sumária e definitivamente julgada, a que diz respeito ao rebatismo de católicos que se convertem. O Protestantismo europeu, em geral, e de boa parte do mundo, aceita o batismo desses convertidos...Não nos parece justa nem vantajosa a atitude radical, tão generalizada na América Latina”.²⁹

Contudo, a prática rebatistal foi discutida no Supremo Concílio da IPIB de 17 a 20.2.91, em Mariápolis (SP), cuja resolução foi pela sua manutenção.³⁰

4. O documento “Batismo, Eucaristia e Ministério” do Conselho Mundial de Igrejas e a questão do reconhecimento do batismo.

A Comissão de Fé e Constituição, do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) apresentou às igrejas membros desse Conselho o texto de Lima (1982) do documento “Batismo, Eucaristia e Ministério” (BEM).

O texto é o resultado de um processo de discussões que se iniciou com a primeira Conferência de Fé e Constituição, em Lausane, 1927.³¹ Houve discussões sobre o documento *BEM* pela Comissão de Fé e Constituição em Accra (19 A Comissão de Fé e Constituição conta entre seus membros de pleno direito, além de teólogos das Igrejas membros do CMI, também de teólogos de igrejas não membros, como a Igreja católica romana.

Na apresentação do documento *BEM* por William H. Lazareth e Nikos Nissiotis, respectivamente Diretor e Moderador de Fé e Constituição, lê-se: “Que teólogos de tradições tão profundamente diferentes possam ser capazes de falar com uma tal

²⁸ REZENDE, Lincoln von. S. *Suma documental de um cisma protestante*. Rudge Ramos, IMS, 1987, p.76.

²⁹ *Ibidem*, pp. 76-77.

³⁰ Cf. Doc. 41, de 19.2.91, Atas e Documentos do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Mariápolis, Vargem Grande Paulista, 1991.

³¹ Convém lembrar que “Fé e Constituição” (ou Fé e Ordem) antecede a criação do Conselho Mundial de Igrejas, que se deu em 1948.

harmonia sobre batismo, eucaristia e ministério - eis um fato sem precedentes no movimento ecumênico moderno”.³²

Segundo o documento *BEM*: “O batismo cristão tem o seu fundamento no ministério de Jesus de Nazaré, na sua morte e ressurreição. É incorporação em Cristo, o Senhor crucificado e ressuscitado; é entrada na Aliança nova entre Deus e o seu povo. O batismo é dom de Deus, e é conferido em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.³³

O batismo significa: ‘participação na morte e na ressurreição de Cristo’, ‘conversão, perdão, purificação’, ‘dom do Espírito Santo’, ‘incorporação no corpo de Cristo’ e ‘Sinal do Reino de Deus’.

Relacionando o batismo e a fé, *BEM* diz: “O batismo é simultaneamente o dom de Deus e a nossa resposta a este dom. Tende a um crescimento ao estado de adulto, à estatura de Cristo na sua plenitude (Ef 4,13). Todas as Igrejas reconhecem a necessidade da fé para receber a salvação implicada e manifestada no batismo...O batismo não consiste somente numa experiência momentânea, mas tem a ver com o crescimento de toda uma vida na comunhão de Cristo...Crescendo na vida da fé, os crentes batizados manifestam que a humanidade pode ser regenerada e liberdade. Eles têm a responsabilidade comum de, aqui e agora, prestarem testemunho conjunto do Evangelho de Cristo, o libertador de todos os seres humanos”.³⁴

Quanto à prática do batismo, o documento, além de tratar do batismo de adultos e batismo de crianças, insiste também na irrepitibilidade do batismo: “O batismo é um ato que não pode ser repetido. Deve-se evitar toda e qualquer prática que possa ser interpretada como um ‘re-batismo’”,³⁵ bem como no reconhecimento mútuo do batismo:

“As Igrejas são cada vez mais capazes de reconhecer o batismo umas das outras como o único batismo de Cristo, na medida em que o candidato confessa Jesus como Senhor, ou, no caso de criança, quando essa confissão é feita pela Igreja (os pais, responsáveis, padrinhos, madrinhas e a comunidade) e afirmada mais tarde na fé pessoal e no compromisso. O reconhecimento mútuo do batismo é evidentemente um sinal importante e um meio de exprimir a unidade batismal dada em Cristo. Em toda a parte

³² *Batismo, Eucaristia e Ministério*. Rio, CONIC/CEDI, 1984, p. 8.

³³ *Ibidem*, p. 15.

³⁴ *Ibidem*, pp. 17-18.

³⁵ *Ibidem*, p. 20.

onde isso é possível, as Igrejas deveriam exprimir de maneira explícita³⁶ o reconhecimento mútuo de seus batismos”.³⁷

Algumas Considerações Finais

Tendo em vista que para todos os cristãos o batismo, instituído por Cristo, é meio pelo qual uma pessoa é incorporada ao Corpo de Cristo, isto é, à Igreja, é contraditório o fato de muitas denominações considerarem cristãos de outras igrejas como irmãos em Cristo, mas não reconhecerem seu batismo.

Com relação às denominações protestantes pedobatistas, uma redescoberta e valorização da teologia do batismo dos reformadores poderia ensejar o fim de práticas rebatismais generalizadas. No caso das denominações derivadas da Reforma Radical, as bases para uma compreensão comum e reconhecimento do batismo podem ser buscadas numa meditação na tradição bíblica, nos escritos patrísticos, bem como nos encontros de oração com outros cristãos, sob a iluminação do Espírito Santo.

O documento *BEM* da Comissão de Fé e Constituição, do CMI, é um testemunho eloqüente de como cristãos de tradições as mais diversas podem buscar juntos “a expressão comum da fé apostólica hoje”³⁸, caminhando rumo a unidade visível do povo de Deus, da qual a unidade batismal é inseparável.

Referências Bibliográficas

AGUSTIN, SAN. *Obras de San Agustín*, Tomo VIII, Cartas, Madrid, BAC, 1950.

ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro, ISER, 1982.

CALVINO, J. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. São Paulo, C.E.

³⁶

³⁷ Ibidem, p. 21. Em 12 de novembro de 1979, na sede da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), foi assinado um texto de reconhecimento oficial bilateral do batismo, com a Igreja Católica, conforme Comunicado Mensal, CNBB, de abril de 1979 e Comunicado Mensal, CNBB, de novembro de 1979, conforme Anexo I, deste trabalho. No mesmo dia e local foi assinado um texto de acordo entre a Igreja Católica e a Igreja Episcopal do Brasil, cf. os Comunicados mensais já citados. Acresce notar que a Igreja Católica considera necessário para a validade do Batismo: a) “Quanto à forma: O batismo por imersão, infusão ou aspensão, com a fórmula trinitária...b) Quanto à fé e à intenção. Nunca, por si mesma, a fé insuficiente do ministro pode invalidar o batismo. Quanto à intenção, deve-se considerar suficiente a intenção do ministro... ‘Basta querer fazer o que fazem os cristãos’”. (Caminhos para a Unidade Cristã. Igreja Católica. Arquidiocese de São Paulo, São Paulo, Paulinas, 1987, p. 301).

³⁸ Ibidem, p. 9.

- Presbiteriana, 1989.
- HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre, Concórdia, 1986.
- HAHN, Carl. J. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo, ASTE, 1989.
- JEDIN, Hubert. *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona, Herder, 1980.
- LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. Rio de Janeiro/São Paulo; JUERP/ASTE, 1981.
- LUTERO, M. *Catecismo Menor*. Porto Alegre, Concórdia, 1967.
- _____. *Obras Seleccionadas*. Vol. I, Porto Alegre/São Leopoldo, Concórdia/Sinodal 1987.
- _____. *Obras Seleccionadas*. Vol. III. , idem.
- _____. *Pelo Evangelho de Cristo*. idem.
- PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo, Loyola, 1999.
- REZENDE, Lincoln von S. *Suma documental de um cisma protestante*. Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1987.
- TILLICH. Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo, ASTE, 1988.

Documentos Eclesiais

- Atas e Documentos do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil*. Mariápolis - Vargem Grande Paulista, de 31-10 a 24-11-91.
- Actas do Synodo da Igreja Presbyteriana do Brasil de 1891*. In *Digesto Presbiteriano*, Casa Editora Presbiteriana, 1950.
- Batismo, Eucaristia e Ministério*. Comissão de Fé e Constituição, do Conselho Mundial de Igrejas. Rio de Janeiro, CONIC/CEDI, 1984.
- Caminhos para a unidade cristã: pastoral do ecumenismo*. Igreja Católica. Arquidiocese de São Paulo. São Paulo, Paulinas, 1987.
- Comunicado Mensal. CNBB*. abril de 1979, n. 319.
- Comunicado Mensal. CNBB*. novembro de 1979, n. 326.
- Digesto Presbiteriano*. (org. Mário Neves). São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1950.

DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

Prof. Lauril Krawczun (org.)

KRAWCZUN, Lauril **Discernimento Espiritual** Unifil, Londrina – PR , 2006,
Trabalho de Educação Cristã II.

RESUMO

Este trabalho define o significado bíblico do termo “discernimento espiritual”. Tem por objetivo esclarecer que é o cristão regenerado que tem condições de utilizar o discernimento como um dom do Espírito Santo. Esse discernimento é aplicado em situações onde se torna necessário identificar qual a origem de certas ações ou ensinamentos espirituais.

Palavras-chaves: discernimento espiritual, dom, Bíblia.

Introdução

Este trabalho tem como finalidade trazer conhecimentos específicos sobre os temas “discernimento espiritual” e o “dom de discernir espíritos”, que desde os tempos da igreja primitiva até os dias atuais, têm chamado a atenção de muitos cristãos pelas dúvidas surgidas e às muitas doutrinas ensinadas, além das constantes heresias divulgadas e praticadas.

Embora haja dificuldades para a composição de nossas postulações em virtude da pouca diversidade de registros importantes sobre a questão, procurando através da literatura à nossa disposição, chegou-se a um aprofundamento sobre a matéria. Assim, através da utilização de dicionários específicos, do uso da Internet, de alguns livros relacionados a essa área, assim como da pesquisa na Bíblia Sagrada, deseja-se demonstrar a relevância do assunto aqui proposto, cuja finalidade é contribuir com o aprendizado, aperfeiçoamento e enriquecimento do povo de Deus.

1. Discernimento

Discernir, segundo o dicionário Silveira Bueno, é “critério, prudência, discriminação. Significa perceber, distinguir ou diferenciar. Ver ou conhecer distintamente; notar, discriminar; apreciar, medir, avaliar bem”. Conforme o Dicionário Luft, Ed. Ática, discernimento é “discriminar bem, uso de um critério de juízo crítico”.¹

Pode-se dizer que é sinal de bom senso. Aquele que tem discernimento pode posicionar-se de forma mais segura, com sabedoria. É essencial no processo de tomar decisões para o crescimento. Quem deseja aprender a discernir nunca deve precipitar-se nas idéias que formam as coisas, ao contrário, deve procurar examiná-las de todos os ângulos possíveis até chegar à conclusão. Deve-se meditar mais e falar menos, procurar compreender, aguardar compreensão. O grande sinal do progresso para o homem no que se refere ao discernimento, é a honesta identificação de seus próprios problemas.

Além do ato de conhecer distintamente, medir ou avaliar, deve-se considerar que existe um parâmetro para se fazer a avaliação. Cada área do discernimento exige antes de tudo conhecimento para julgamento. O ato de discernir as coisas é muito particular, varia de pessoa para pessoa. Discernir entre o bem e o mal ou entre o que é bom e o que é mau, em alguns casos é muito pessoal. O que é bom para uma pessoa pode não ser para outra pessoa, mas todos precisam ter a sensibilidade de discernir entre o que é certo e o que é errado.

Todas pessoas precisam de discernimento para qualquer tarefa que forem desenvolver seja no aspecto profissional, sentimental ou espiritual. O discernimento é o primeiro passo para o sucesso de uma pessoa.

¹ LUFT, Celso P. **Dicionário Escolar Luft da Língua Portuguesa** São Paulo, Ática, 2005.

2. Discernimento Espiritual

“No original grego o termo é “*diagnosis*”. De onde vem o termo “diagnóstico”, que significa traçar o perfil de algo ou de alguém. É importante ressaltar que esse diagnóstico não é traçado baseado na aparência, nos preconceitos ou prejulgamentos, mas em conclusões claras que estão no Espírito Santo”.² É a habilidade ou capacidade, dada por Deus, de reconhecer a identidade (e, muitas vezes, a personalidade e a condição) dos espíritos que estão por trás de diferentes manifestações ou atitudes. O discernimento espiritual é a capacidade de distinguirmos se as manifestações espirituais são de Deus ou das trevas. Assim as coisas espirituais só podem ser discernidas espiritualmente através do Espírito Santo de Deus.

Discernimento espiritual é a habilidade conferida por Deus ao cristão regenerado para distinguir o real do aparente, a verdade da mentira; é um dom que, através do Espírito Santo, tem relação com a Palavra de Deus proporcionando direção segura para aqueles que o buscam.

Tem grande respaldo no conhecimento, no estudo da Palavra de Deus, é resposta à intimidade e às coisas do reino de Deus, o que traz maturidade, visão e capacidade para discernir entre o bem e o mal.

Discernimento espiritual é perceber qual é a vontade de Deus estando sensível a ação do Espírito Santo. É discernir as situações espiritualmente, usando a palavra de Deus. É importante ressaltar que esse dom é muito importante para o ministério pastoral, porque o pastor depende disso para direcionar a Igreja para seu crescimento e desenvolvimento no centro da vontade de Deus.

Discernimento espiritual é uma ferramenta de trabalho necessária, é um dom sobrenatural e gratuito que nos é dado pelo Espírito em especiais circunstâncias, tornando-nos aptos a julgar com sabedoria; é um dom que nos

² www.igospel.com.br

abre os olhos para o mundo invisível para aquilo que não vemos naturalmente. A linha divisória entre uma operação humana e divina pode ser obscura a alguns crentes, mas alguns com a faculdade do discernimento espiritual exercitada têm uma compreensão clara. Mais do que o conhecimento teórico é uma percepção espiritual que se alicerça nas experiências passadas anteriormente pelo indivíduo.

O discernimento espiritual é essencial no processo de tomar decisões sábias, pois exercer discernimento espiritual é também exercer julgamento correto sobre o que acontece no reino espiritual. Conforme definição do dicionário, julgar é “formar opinião ou juízo crítico sobre; avaliar”. Uma definição paralela de julgamento é “capacidade de tomar uma decisão ou formar uma opinião por discernimento e avaliação”. Esse é o sentido de julgar ou julgamento. A admoestação para “não julgar” em Mateus 7:1 de acordo com Vine³ – é: “primeiro indica separar, selecionar, escolher, portanto, determinar e então julgar, pronunciar julgamento”. Em outras palavras a advertência é para não se postar como juiz, pronunciando julgamento indevido, mas como alguém que sabe tomar as melhores decisões. A Bíblia explica como fazer aplicação desse discernimento em 1 Co 2:13-16 :

Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo.⁴

O discernimento é fruto do crescimento espiritual e é destinado como dom espiritual aos humildes de coração. O discernimento é uma

³ VINE, W.E. **Dicionário Vine** Rio de Janeiro, CPAD, 2003.

⁴ ALMEIDA, João F. **A Bíblia Sagrada** São Paulo, SBB, 1993.

característica de maturidade. Crianças não têm a mesma capacidade de distinguir que os adultos têm. Adultos na fé são “aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hb.5:14). Atitudes carnis impedem o crescimento e impossibilitam o discernimento espiritual (1 Co. 3:1; Mt 16:3b).

É perceptível que o discernimento espiritual é fruto do crescimento espiritual e que o seu exercício ou prática resulta em um crescimento espiritual ainda maior. Caminha junto com a prática do discernimento espiritual uma vida de consagração a Deus, não como obrigação, mas de maneira natural.

3. Dom de Discernir Espíritos

Discernimento em grego é “*diakrisin*” significa julgamento dos espíritos. Julgamento quer dizer identificar aquilo que é verdadeiro e o que é falso. Discernimento de Espírito (I Cor. 12:10) é um dom ligado à proteção do rebanho, à capacitação para perceber falsos mestres (I João 4:1,3) detectar espíritos enganadores (II Cor 11:14,15). É a habilidade ou a capacidade, dada por Deus de se reconhecer a identidade dos espíritos que estão por trás de diferentes manifestações ou divindades. A falta de exercer o dom de discernimento de espíritos nos faz cometer erros na obra de Deus, sendo levados pela nossa carne ou por nossa emoção. É um dom que habilita a pessoa a perceber se as manifestações espirituais são verdadeiramente divinas ou frutos de um emocionalismo exagerado. Também compete ao cristão saber se o espírito que comanda esta manifestação é divino ou diabólico.

O dom de discernimento de espíritos é uma capacitação a nós dada por Deus, de reconhecermos a matriz que está por trás de diversas manifestações, podendo se tornar um dom permanente na vida da pessoa, funcionando, sempre e quando qualquer ocasião para seu uso se apresente necessário e podem ser manifestados em vários níveis.⁵

⁵ www.lagoinha.org.br

Neste ponto, aquele que possui o dom, biblicamente falando, possui uma capacidade sobrenatural dada pelo Espírito Santo para tal ministério. Este dom é uma capacidade sobrenatural no espírito e mente do homem dotado, de tal maneira que este entende com clareza o mundo espiritual para assim posicionar-se contra ou a favor das manifestações espirituais.

Trata-se da dotação especial dada pelo Espírito, para o portador do dom discernir e julgar corretamente as profecias e distinguir se uma mensagem provém do Espírito Santo ou não. Vivemos em um mundo onde existem imitações, enganos e falsificadores de todo tipo. Através desse dom, pode-se discernir tais coisas, e ver se realmente procedem de Deus. Trata-se de uma percepção sobrenatural, pela qual detectamos a procedência das manifestações espirituais, sem a qual a Igreja seria presa fácil de falsos mestres, ensinadores de heresias e de manifestações anti-bíblicas. Portanto, esse dom pode se manifestar “em alguns cristãos, a nível, natural, dando-lhes capacidade de discernir a verdade e o erro; em outros cristãos se manifesta a nível sobrenatural, capacitando-os a ter uma visão das raízes da verdade ou do engano.”⁶

A prática do dom de discernimento de espíritos, algumas vezes não ocorre com o devido cuidado que se deve ter, ou seja, para exercer perfeitamente esse dom, se faz necessário que o cristão capacitado nessa área tenha uma vida cuidadosa, estando com a vida reta e comprometida com Cristo. E não se ensoberbecer pelo fato de possuir esse dom, respeitando a autoridade espiritual das trevas (“Mas quando o arcanjo Miguel, discutindo com o diabo, disputava a respeito de Moisés, não ousou pronunciar contra ele juízo difamatório, mas disse: o Senhor te repreenda”. Judas 1.9).

Atualmente esse dom deve ser exercido até para se ter o conhecimento dos demais dons espirituais, pois sem o discernimento espiritual como pode-se reconhecer e ter a certeza de que um ou mais fenômenos são realmente do Espírito Santo de Deus? Assim, só através da prática do discernimento espiritual é possível atribuir ao Espírito Santo se as manifestações

⁶ SCHARZ, Christian A. **O Teste dos Dons** Curitiba, PR, EEE, 1997.

que estão ocorrendo são mesmo do Espírito ou de quaisquer outros tipos de manifestações emocionais ou desequilibradas que são criadas por alguém em sua própria mente.

Quanto mais próximo estiver de Deus, tanto mais se vive a vida do Espírito e tanto maior a sensibilidade se adquire para detectar as ações maléficas ou benéficas dos espíritos malignos ou do engano.

Pode-se ver um exemplo em Atos 16:17,18, quando Paulo se encontrou com uma jovem que aparentemente falava a verdade:

Seguindo a Paulo e a nós, clamava dizendo: Estes homens são servos do Deus altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação. Isto se repetia por muitos dias. Então Paulo, já indignado, voltando-se, disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: Retira-te dela. E ele na mesma hora saiu.

Embora o que ela dizia estivesse certo, Paulo discerniu que ela tinha um espírito de adivinhação (v. 16); ela não falava pelo Espírito Santo, mas por um espírito demoníaco.

É importante a presença do discernimento espiritual na vida do cristão pois traz os seguintes benefícios: livra do engano; percebe-se os verdadeiros valores de Deus; definem-se as verdadeiras prioridades; obtém-se equilíbrio em todas as coisas; se exerce autoridade diante de Satanás que é o pai da mentira; enxerga-se tudo na perspectiva espiritual.

Conclusão

Diante dos desafios que surgem na vida cristã, o aspecto fundamental de tudo o que foi analisado é que se faz necessário conhecer a Bíblia. Esse conhecimento tem duplo aspecto: conhecimento intelectual e prático, no sentido de conhecer para viver as verdades bíblicas. A palavra de Deus deve ser o fundamento para qualquer tipo de julgamento, tendo uma orientação

sobrenatural, contudo sendo o indivíduo o responsável pelas consequências desse julgamento, seja ele correto ou não. O discernimento espiritual deve ser utilizado por todos crentes em Cristo, pois todos têm decisões a serem tomadas, cabendo a cada um saber o que é melhor para a sua vida conforme os padrões bíblicos. Principalmente devem aplicar o discernimento os que estão na condição de líderes, pois as suas decisões não envolvem apenas interesses pessoais, mas os interesses do reino de Deus. Esse interesse fica claro no sentido de que não é a pessoa que primeiro toma iniciativa de se interessar por utilizar o discernimento espiritual, mas é o próprio Deus que se interessa em que os seus filhos pratiquem o discernimento. Quando o discernimento é aplicado na vida cristã, traz benefício para o Corpo de Cristo que é a Igreja, prevenindo os fracassos espirituais provenientes de falsas doutrinas ou condutas duvidosas. A prática desse dom coloca em segurança quem o possui e depois é estendido como bênção sobre as ovelhas de Jesus. Para saber discernir é preciso amadurecer no conhecimento de Deus e isso requer um certo tempo. Quem aplica o discernimento crescerá na fé e estará preparado para enfrentar gradativamente maiores dificuldades. Outro aspecto importante na prática do discernimento é a dependência em Deus na pessoa do Espírito Santo, o qual é o canal de ligação entre o cristão e Deus. Uma vida de oração com temor a Deus é importante para que o cristão não se apoie em seu próprio conhecimento carnal, mas na orientação divina, conforme a afirmativa de Schwarz: “Esteja alerta para que a prática do seu dom seja acompanhada por outros cristãos e seja confirmado sempre de novo.”⁷

Este estudo foi elaborado pelos seguintes alunos do curso de Teologia da Unifil na disciplina de Educação Cristã II, da cidade de Londrina – PR, em 2006:

Adalberto de Souza, Alexandre de Oliveira, Alexandre Aljarilla, Cassiane dos Santos, Charlene Floriano, Claudinea Pasquali, Cristina Fajarra, Daniel de Campos, Desiel de Oliveira, Diogo de Araújo, Edgar Alves, Elias Pires,

⁷ SCHARZ, Christian A. **O Teste dos Dons** Curitiba, PR, EEE, 1997.

Estela Moreira, Evaldo da Silva, Fernando Miranda, Giorgio Yamamoto, Heloisa Duarte, Jocinéa de Freitas, José Brandão Neto, João Marçal, João Sanches, Kleber Mostachi, Lúcia Bezerra, Marcelo de Rezende, Marcos dos Santos, Miriam Lopes, Paulo de Moura, Pedro Fiori, Rodrigo Caldeira, Rogério Pereira, Roseli Ciaca, Vagner da Costa e Wandré dos Anjos.

Bibliografia

ALMEIDA, João F. **A Bíblia Sagrada** São Paulo, SBB, 1993.

BUENO, Francisco da S. **Minidicionário da Língua Portuguesa** São Paulo, FTD, 1996.

LUFT, Celso P. **Dicionário Escolar Luft da Língua Portuguesa** São Paulo, Ática, 2005.

SCHARZ, Christian A. **O Teste dos Dons** Curitiba, PR, EEE, 1997.

VINE, W.E. **Dicionário Vine** Rio de Janeiro, CPAD, 2003.

www.igospel.com.br

www.lagoinha.org.br

Introdução à Meditação Diária

por

Dietrich Bonhoeffer

I. Por que meditar?

Porque sou um cristão, e porque cada dia em que não passeio mais profundamente no conhecimento da Palavra de Deus na Sagrada Escritura é desperdiçado. Eu só posso continuar na certeza do firme fundamento da Palavra de Deus. E como cristão, eu aprendo a conhecer a Sagrada Escritura apenas por ouvir sermões e por meditar em oração.

Porque eu sou um pregador da Palavra, eu não posso expor a Escritura a menos que eu deixe que ela fale a mim diariamente. Eu estarei utilizando mal a Palavra em meu trabalho se eu não meditar nela continuamente em oração. Se a Palavra parece muitas vezes vazia para mim, se eu não a tenha experimentado, tudo isto é um sinal inconfundível que eu, a muito tempo, não mais tenho deixado que ela fale ao meu coração. Eu erro quando, a cada dia, eu deixo de procurar a Palavra que o Senhor tem para mim naquele dia. Atos 6.4 fala particularmente sobre o ministério da oração para aqueles que tem o compromisso de pregar a Palavra. O pastor deve orar mais do que os outros, e ele tem mais motivos para orar.

Porque eu preciso de uma firme disciplina de oração. Nós temos paixão por orar como nossa fantasia nos leva, por pouco tempo, por muito tempo, ou até mesmo totalmente. Isso é teimosia. Oração não é uma oferta livre que apresentamos a Deus. Nós não somos livres para continuar como nós desejamos. Oração é o primeiro serviço do dia que prestamos a Deus (Sl 119.147, ss., 164). Deus requer nosso tempo para este serviço. Deus precisou de tempo antes de enviar Cristo para nossa salvação. Ele precisa de tempo para vir ao meu coração, para minha salvação.

Porque eu preciso de ajuda contra minha pressa que não é adequada, e também da inquietação que põe em perigo meu trabalho como pastor. Um serviço verdadeiramente dedicado todo dia só vem da paz [que procede] da Palavra de Deus.

II. O que eu espero da meditação cristã?

Em todo caso, nós queremos nos erguer da meditação diferente do que nós éramos quando nós nos prostramos desanimados. Nós queremos encontrar Cristo em sua Palavra. Vamos ao texto curiosos para ouvir o que dele precisamos saber, e o que nos diz através de sua Palavra. A cada dia, encontro-o primeiro antes de encontrar as outras pessoas. Toda manhã nEle

descansamos tudo o que nos ocupa, concernente a dificuldades, para que toda apreensão que nós temos seja aquietada. Pergunte a si mesmo o que ainda está lhe impedindo de O seguir completamente, e deixe-O ser o Senhor sobre isto, antes que novos impedimentos surjam.

Sua proximidade, sua ajuda e sua direção para o dia pela Sua Palavra, este é o seu objetivo. Desta forma começamos o dia fortalecendo a nossa fé.

III. Como devemos meditar?

Há meditação tanto livre quanto bíblica. Nós recomendamos a meditação bíblica para moldar nossas orações e, ao mesmo tempo, pelo disciplinar de nossos pensamentos. Finalmente, nós preferimos a meditação bíblica porque nos faz consciente de nosso companheirismo com outros [irmãos] que estão meditando no mesmo texto.

A Palavra da Escritura nunca deve parar de soar em nossos ouvidos, e trabalhar em nós ao longo do dia, como as palavras de alguém que você ama. E assim como você não analisa as palavras de alguém que você ama, mas aceita o que ele diz a você, aceite a Palavra da Escritura e medite-a em seu coração, como Maria fez. Isto é tudo. Isto é tudo. Isto é meditação. Não olhe para novas reflexões e conexões no texto, como se você estivesse preparando uma pregação. Não questione: “como passar isto para alguém”, mas “o que ele tem a dizer para mim?” Pondere na Palavra longamente em seu coração e deixe que ela te dirija e te possua.

Não é importante consumir o texto integral proposto para cada dia. Nós ficaremos, freqüentemente, esperando um inteiro o que ele tem a dizer. Deixe passagens incompreensíveis sossegadamente de lado, e não se apresse a ir à filologia. Não há nenhum lugar aqui para o uso do Novo Testamento grego; use o familiar texto de Lutero.

Se os seus pensamentos te distraírem ore pelas pessoas e situações que te preocupam. Este é o lugar certo para intercessão. Neste caso, não ore em termos gerais, mas ore de forma objetiva, por aquilo que te preocupa. Deixe a Palavra da Escritura te conduzir. Pode ser de ajuda você escrever calmamente o nome das pessoas com quem conversamos e pensamos todos os dias. Intercessão precisa de tempo se for levada a sério. Mas cuidado ao fixar um tempo designado para intercessão, para que este não se torne uma fuga daquilo que é mais importante, a busca pela salvação de sua própria alma.

Iniciamos a meditação com uma oração pelo Espírito Santo. Que ele clareie o nosso coração e prepare a nossa mente para a meditação e de todos aqueles que estarão meditando também. Então nos voltamos ao texto. Ao término da meditação nós estaremos em posição de proferir uma oração de ação de graças com um coração satisfeito.

À respeito do texto, como deve ser feito? Deve ser meditado durante toda semana, um texto com aproximadamente dez a quinze versos. Não é bom

meditarmos um texto diferente a cada dia, pois a nossa capacidade nem sempre é a mesma. Não importa o que aconteça, não leve o texto no qual você irá pregar no domingo que vem. Isso pertence à preparação do sermão. É de grande ajuda para uma comunidade saber que você é participante do mesmo texto ao longo de toda semana.

O tempo para a meditação é de manhã, antes de começar as tarefas. Meia hora é o mínimo de tempo necessário para a meditação. Observe que o pré-requisito é quietude extrema e o objetivo é não ser distraído com nada, por mais importante que seja.

Uma atividade da comunidade cristã, infelizmente praticada muito raramente, mas bastante útil, é quando ocasionalmente duas ou mais pessoas se dispõem a meditar juntas. Mas que não tomem parte em discussões teológicas especulativas.

IV. Como vencer as dificuldades da meditação?

Quem leva à sério a prática da meditação séria logo vai encontrar algumas dificuldades. Meditação e oração devem ser praticadas por muito tempo e seriamente. A primeira coisa que deve ser lembrada é que não devemos ser impacientes consigo mesmo. Não se limite ao desespero dos devaneios de seus pensamentos. Não tente reprimir os pensamentos à força, mas inclua calmamente as pessoas e os acontecimentos, para os quais os pensamentos teimam em voltar, em nossa oração, voltando assim com toda paciência ao texto da meditação. Deste modo, você não terá desperdiçado os minutos com tal divagação, e estas não o aborrecerão.

Há muitas ajudas que cada um deverá buscar para as próprias dificuldades especiais: Leia o mesmo texto repetidamente, escreva seus pensamentos, e deixe o verso que te prende mais a atenção ficar guardado no seu coração, meditando-o (de fato, de qualquer maneira, a pessoa poderá ter qualquer texto, fora o que realmente foi meditado, de cor). Nós também logo aprenderemos sobre o perigo de escapar da meditação através de um estudo bíblico erudito ou de qualquer outra coisa. Por trás de todas as necessidades e dificuldades há realmente um engano quanto à nossa grande necessidade de oração: muitos de nós permanecemos por um tempo demasiado longo sem qualquer ajuda e instrução.

Em face disto, não há nada mais para ser dito, somente que devemos começar novamente, fiel e pacientemente, nas mais elementares práticas da oração e meditação. Você será ajudado, além disso, pelo fato de que outros também estão meditando, o que toda santa Igreja, em todo lugar e em todo o tempo, no céu e na terra, estão orando juntos. Este é o conforto na fraqueza da oração. E apesar de saber em todo o tempo, que não sabemos orar como convém, o Santo Espírito intercede por nós, com gemidos inexprimíveis.

Nós podemos deixar esta preocupação diária com a Escritura, e precisamos começar isto imediatamente, se nós já não fazemos assim. Porque é nela que nós temos a vida eterna.

G. S. II pp. 478-82

O documento anexo era um ensaio sobre meditações diárias que tinham sido escritas por Eberhard Bethge, sob a supervisão geral de Bonhoeffer.

Fonte: Dietrich Bonhoeffer, *The Way to Freedom: Letters and Notes, 1935-1939*. Ed. Edwin H. Robertson. Trans. Edwin H. Robertson & John Bowden (New York: Harper and Row, 1966), pp. 57-61.
